UM ESTUDO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA GEOMANCIA E DO JOGO DE BÚZIOS NA FORMAÇÃO DO IFÁ

Bàbá Osvaldo Omotobàtálá
Abril de 2014

Tradutor[1]:
Rudinei O. Borba
Abril de 2014

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar a forte possibilidade de que a geomancia, sinais divinatórios riscados na areia, e o oráculo *Owó Erò Mérìndínlógún*, popularmente conhecido por Jogo de Búzios, serem as bases culturais, e terem ambos fornecidos elementos orais, mitológicos divinatórios e gráficos para a formação do atual oráculo de *Ifá*, sendo, portanto, mais antigos.

Assim será demonstrado que o tradicional Jogo de Búzios não nasceu de Ifá, ao contrário, já existia e ajudou a formá-lo, aliado à geomancia.

PALAVRAS CHAVES: *Ifá*, Búzios, Geomancia, Iorubá, Oráculos africanos.

1. Original em espanhol fornecido pelo autor. Traduzido com autorização. Sobre o tradutor ver: <*http://ileaseekundeyi.wordpress.com/*>.

SOBRE O AUTOR

Bàbá Osvaldo Omotobàtálá como é conhecido Osvaldo Paniza, nasceu na cidade de Rivera (República Oriental do Uruguay) em nove de junho de 1964. Quando tinha quatro anos aproximadamente, sua família se mudou para capital (Montevideo) onde cresceu e vive até os dias de hoje.

Iniciu-se na religião do "Batuque" jeje-nagó aos nove anos de idade, através do babalorixá Armando Ayala de Oxalá, com quem esteve ao lado quase 20 anos fazendo religião e aprendendo. Sua casa de Orixá foi fundada em 27 de Maio de 1989.

No ano de 1994, buscando reafricanizar-se, passou aos cuidados do Aworisa Edu Obadugbe, um brasileiro com família consaguinea na África, que pratica religião tradicional *Yorùbá Nàgó* com raizes na República Popular do Benin. Bàbá Osvaldo recebe o segredo (*awo*) da adivinhação através de "*odù Òrìsà*" e se converte em o primeiro "pai de santo" do Uruguay a "jogar búzios" pelo sistema de *odù* no ano de 1995. Sua casa de religião também foi à primeira em possuir assentamento ao estilo tradicional *Nàgó* de: *Onilè*, *Orí*, *Iroko*, *Ajé Salugá*, *Eégún*, *Ojúbo Òrìsà*, *Ise-Òrìsà* e *Èsù*.

Em 2001 obtem o certificado do Ministério da Cultura para sua Casa de Religião, passando a ser nomeada como "Centro Cultural Religioso Egbé ti Obàtálá". Seu Centro Cultural Religioso passa a ter grande participação em toda parte social e religiosa da comunidade.

Com mais de 40 anos (em 2013) como crente e praticante de Umbanda Cruzada, Kimbanda e ritual jeje-nagô, realizou estudos e pesquisas no Uruguay, Brasil e inclusive na África. Estudou outras religiões e cultos para poder entender melhor sua própria religião, adquirindo conhecimentos sobre outras ramas de candomblé, palo-nganga, Ifá, Santeria, Vodún, Vudú Haitiano, Catolicismo, Cartomancia, Alta Magia, Judaísmo, Demonología, Ocultismo, Espiritismo, etc.

Assistiu como observador e pesquisador a mais de 80 terreiros de kimbanda para poder terminar seu livro "Reino de Kimbanda", entrevistando diversos Exús e Pomba-

Giras manifestados em médiuns, convertendo-se no primeiro estudo sobre o tema Kimbanda.

Além da capacidade intelectual, Osvaldo Paniza tambiém é artista plástico, músico, compositor, cantor, webmaster, talhador, carpintero. Foi colunista nos anos 80 da Revista "Nuestra Umbanda". Ambas as publicações no Uruguay, as quais não existem mais, e onde tinha um pequeno no qual publicava lendas de *Òrìsà* com o título "El Abuelo Agóngone", de sua criação.

Participou do 1º Seminário de Introdução as Religiões Africanas na América e Uruguay (Junho de 1989). Organizou, digitou e traduziu as lendas de *Òrìsà* do Português para Espanhol, sendo publicadas nos livros: "El Batuque" e "Yemanjá" de Armando Ayala (seu antigo Sacerdote).

Nos anos 90 pintou "A primeira galeria dos Orixás" nas paredes do Templo Evangélico Espiritual Umbandista Menino Deus (de Guadalquivir- Montevideo), uma obra inspirada no mais puro africanismo, da qual foram fotos para o centro de cultura de *Ilè-Ifè* por meio do Dr. Eluyemi Omotoso.

Em 1995 foi entrevistado pela revista "The Faith Yoruba in the Diáspora", sobre o avanço da cultura *yorùbá* no Uruguay e o culto de *Òrìsà*. Recebeu um reconhecimento de seu trabalho desde *Ilé-Òyó* (Nigéria), sendo reconhecido como líder espiritual que recupera as raizes ancestrais e tradicionais na diáspora.

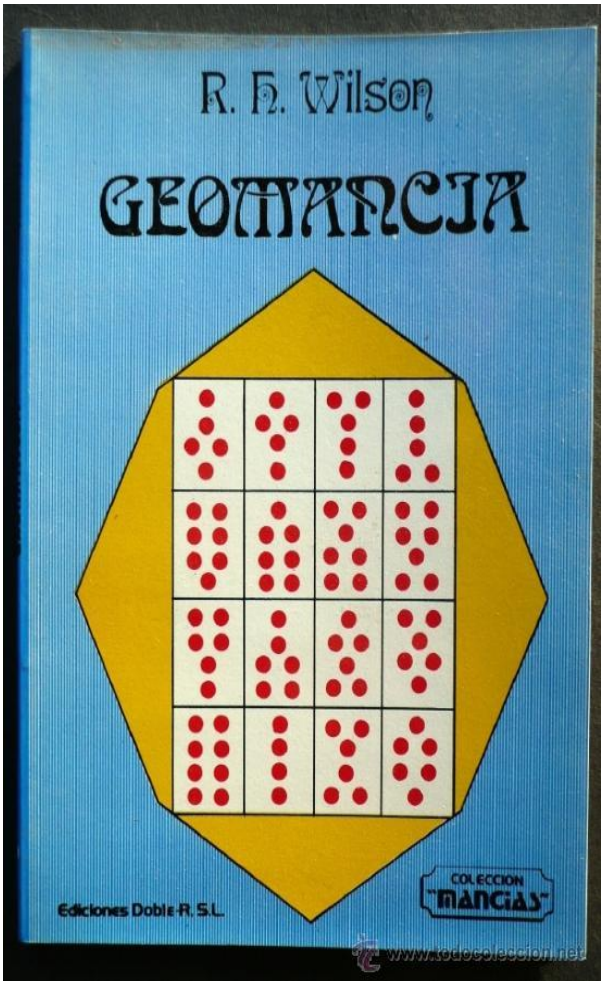
No princípio de 2000 começou a colaborar com o Mensuario "Atabaque" (do Uruguay), com artigos próprios. Participou da primeira sessão de Umbanda em que recebia como convidado um Ministro do Interior (Esc. Guillermo Stirling), um feito histórico para Umbanda no Uruguay. Dita sessão foi feita no Templo Caboclo Sete Flechas de Pai Julio de Omulú.

Recebeu no ano de 2003 em seu templo a visita de estudantes de Antropología que chegaram desde Austria, filmando uma cerimônia religiosa para seus estudos.

Escreveu também "Danças tradicionais dos escravos africanos e seu simbolismo" para o CONGRESSO AMERICANO REGIONAL DE CID-UNESCO organizado em conjunto com o CONSELHO URUGUAYO DE DANÇA, declarado de

Interesse Nacional pela Presidência da República, realizado na Intendência Municipal de Montevideo-Uruguay em Novembro de 2003.

Em meados do ano de 2004 a Revista Espiritual de Umbanda de São Paulo - Brasil publica materiais de sua criação e uma entrevista, onde seu nome aparece junto a outros grandes escritores brasileiros como Aluizio Fontenelle, Decelso e W.W. da Mata e Silva.[2]



2. Para saber mais sobre o autor, seus livros escritos, ver in INTERNET: <http://www.lulu.com/shop/search.ep?contributorId=665442>

PRIMEIRA PARTE

IFÁ NÃO ERA UM "CULTO" NATIVO DOS GRUPOS "*YORÙBÁ*", POIS FOI IMPORTADO A *ILÈ-IFÈ* COM A CHEGADA DE *ODÙDUWÀ*.

Para extendernos esta explicação e evitar mal entendidos, confusões e o ataque de ignorantes fanatizados por idéias que tiveram através de lendas ou *itàn Ifá* muitas vezes inventados ou alterados, primeiro devemos instruir ao leitor (seja quem for), por isto, cabe antes fazer uma análise.

Começaremos argumentando que de acordo com Toyin Falola, *Culture, Politics and Money Among the Yoruba* (pág. 7)

> "Na região de *Ilè-Ifè*, antes da chegada de *Odùduwà*, já havia vários assentamentos governados por diferentes chefes político-religiosos, em Idena com seu povo estava *Oreluere* (*Ore*), em *Ideta-Oko* o chefe era *Obàtálá*, sacerdote principal do culto a *Òrìsà*, em *Ita-Yemoo*, governava *Yemoo*, a mulher de *Obàtálá*

O recorte utilizado se trata de feitos históricos, não se trata aqui de lendas ou mito, e sim de personagens que viveram em determinada época na região de *Ilè-Ifè*.

Segundo David D. Laitin, *Hegemony and Culture: Politics and Change Among the Yoruba* (pág. 111), *Odùduwà* havia chegado a *Ilè-Ifè* em meados do século XII e a Antiga *Òyó* havia sido fundada no século XV.

De acordo ao narrado por Toyin Falola (Aribidesi Adisa Usman), *Movements, Borders, and Identities in Africa* (pág. 105), existem dados arqueológicos de que *Ilè-Ifè* já era um lugar habitado entre 800 DC (século IX) e 1000 DC (século XI).

Ou seja, que *Odùduwà* recém chegou à região de *Ilè-Ifè* aproximadamente uns 300 anos depois que chegaram os grupos que já estavam instalados ali, com uma cultura e religião própria, certos dialetos em comum, mesmo assim haviam se unificado como

uma nação, isto foi o que logo faria *Odùduwà*, que unificaria estes povos a uma nação conhecida como "*yorùbá*" e cuja capital desde então seria *Ilè-Ifè*.

Na época em que viveu o personagem histórico *Odùduwà*, também viveram outros dois personagens históricos que se chamavam *Obàtálá* e *Yemoo*, sua mulher. Isto significa que tanto *Odùduwà*, como *Yemoo* e *Obàtálá*, foram divinizados muito depois, transformando-se em "*Òrìsà*".

O culto a "*Òrìsà*" já existia antes da chegada de *Odùduwà*, sempre foi parte da tradição dos povos que habitavam a região de *Ilè-Ifè*, que podemos chamar de "pré-*Odùduwa*". O personagem *Obàtálá* era um rei e sacerdote de um culto cuja divindade se chamava *Òrìsà*, onde mais tarde esta divindade antiga se chamaria "*Òrìsà-nlá*" (o grande *Òrìsà*) para diferenciar dos ancestrais divinizados menores, na forma de "*Òrìsà*". O personagem divinizado "*Obàtálá*" passou a ser tão importante que hoje em dia é sinônimo de "*Òrìsà-nlá*".

Para entender porque consideramos que "*Ifá* foi importado" e qual a realidade disto, também temos que explicar que hoje se conhece como "*Ifá*", sem lugar a dúvidas era antigamente apenas um tipo de sistema oracular derivado da geomancia árabe (ver imagem com figuras geomânticas) sem uma estrutura religiosa em si, que os árabes trouxeram desde o oriente médio, zona da Pérsia, cuja origem mais antiga é o oráculo geomântico que usavam os Chineses (5000 anos AC). Este sistema oracular foi levado pelos árabes até a região de Songhai (ver mapa abaixo) e dali passou a terra *Nupe* (*Tapá*), ubilicada na fronteira norte do antiguo Reino de *Òyó*.

AS 16 FIGURAS GEOMÂNTICAS BÁSICAS

Sobre a geomancia, William Bascom em *"Ifá Divination"*, 1980, p. 8 (versão digital) escreve que "A geomância muçulmana não tem versos, pelo menos não como praticado pelos alufa entre os iorubás..."

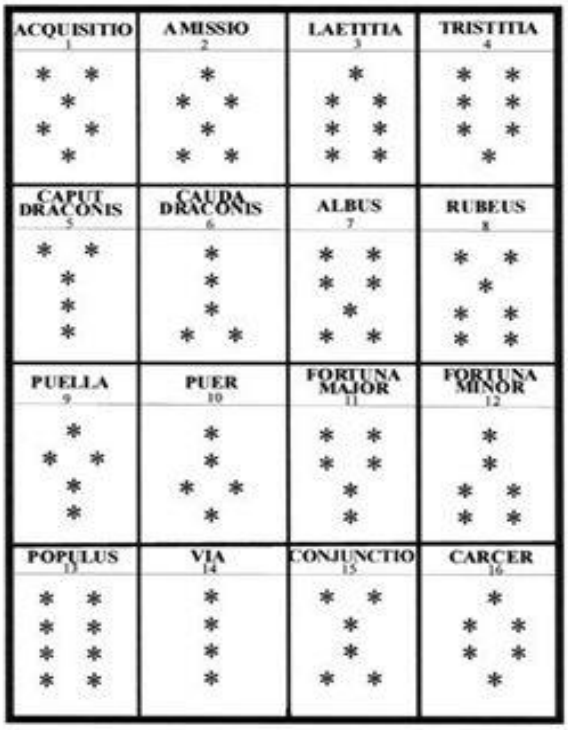


Fig. 4 TAULA DE LES 16 FIGURES GEOMÀNTIQUES
(Classificades segons l'ordre de Robert Fludd)

De acordo com Samuel Johnson "*The History of Yorubas*", a primeira região *yorùbá* onde se instalou o culto de *Ifá* foi *Ilè-Ifè*, cremos que durante a invasão Mahometana que se extendeu até a África sub-sahariana a partir do século VII. *Ifá* foi trazído por um iniciado no conhecimento da geomancia árabe, este iniciado chamado "*Setilu*" ou "*Setinru*" pelos *Yorùbá*, conhecido como "*Osamienmwinaisetinru*" pelos *Edo* (*Bini*) e que de acordo também com S. Johnson este era cego, nascido na região *Nupe* (*Tapá*).

Ainda segundo Samuel Johnson (pág. 33), *Setinru* fazia adivinhação com 16 pedrinhas, para logo fazer as marcas no solo[3]. Diziam que era muito bom predizendo o futuro, isto gerou um contágio na povoação *Nupe*, e estava ganhando muitos seguidores que queriam iniciar-se em seu "mistério". Os muçulmanos decidiram expulsa-lo de seu território. Setinru cruzou o rio Níger e se dirigiu a *Bini* (*Benin City* na Nigéria), onde seguramente foi o fundador do culto de "*Ihá*" dos *Bini*. Após um tempo, *Setinru*, desde *Bini*, se dirigiu *Ilè-Ifè* acompanhando a comitiva de *Odùduwà*, e seguiu vivendo ai em *Oke-Itase*, fundando o culto de *Ifá* que logo se expanderia por toda terra *yorùbá*, de ali *Ifá* iría até terras *Fon* e *Ewe*, onde se conhece o culto como *Fá* e *Afá*.

Segundo a tradição dos *Ikedu* (*Bini* ou *Edo*) *Odùduwà* seria um príncipe *Edo* chamado "*Ekaladerhan*", deixando sua terra para evitar sua morte. Esta teoria dos *Edo* parece na realidade ser a verdadeira, pois S. Johnson "*The History of Yorubas*", (1901) quando fala de *Setilu* (ou *Setinru*), diz que *Setilu* antes de viajar a *Ilè-Ifè* esteve vivendo em Benin (*Bini*) e também agrega que *Setilu* veio com *Odùduwà* a *Ilè-Ifè*, sendo *Setilu* quem teria fundado *Ifá*. Isto não são contos inventados nem acomodados, são feitos históricos.

Os *yorùbá*, hoje em dia, reconhecem que *Setinru* ou *Setilu* foi o fundador de *Ifá*

3. *"At the commencement of his practice, he used 16 small pebbles and imposed successfully upon the credulity of those who From flocked to him in their distress and anguish for consultation."*

e tem sua pessoa como à primeira encarnação de "*Òrúnmìlà*", a quem também chamam "*Agboniregun*", quem viveu em *Ilè-Ifè* fazendo sua em *Oke-Itase*.

Agora um dado interessante, de acordo com S. Johnson, *History of Yorubas* (pág. 32-33), quando fala do Império de *Òyó*, diz que:

> "*Ifá* foi trazido pelo *Alaafin Onigbogi* ao Reino de *Òyó* desde terras *Tapá* (*Nupe*), mas o culto foi aniquilado pelo povo e ele foi destronado. O filho do *Alaafin Onigbogi*, chamado *Ofiran* (*Olufiran*) instalaria mais tarde o culto de Ifá no Reino de *Òyó*, trazendo o mesmo da terra dos *Tapá* (*Nupe*), de onde era originária sua mãe. *Ofiran* logo se iniciaria no segredo deste oráculo".

Nesta parte fornecida pelo autor temos outra prova de que *Ifá* não era parte da tradição religiosa *yorùbá* em *Òyó* antes do reinado de *Alaafin Ofiran*, se calcula que reinou entre meados de 1500 (Século XVI) e princípios de 1600 (Século XVII). Ou seja, se analisarmos que o oráculo de *Ifá* chegou a *Ilè-Ifè* aproximadamente no século XII junto com *Odùduwà* e *Setinru*, isto significa que outros grupos *yorùbá*, como os *Òyó* ofereceram resistência a *Ifá* durante uns 300 anos aproximadamente ou mais. Isto também nos revela que durante reinado de *Sàngó* (Ofiran), *Aganjú* e *Àjàká* entre outros *Alaafin* de *Òyó* anteriores ao reinado de *Ofiran*, *Ifá* não se praticava nessa região.

Se *Ifá* foi um culto yorùbá ou introduzido nesta região, por que o *Alaafin Onigbogi* teria que importar o mesmo desde o território *Nupe*?

Setinru era *Nupe* e trouxe o oráculo desde sua terra quando os Muçulmanos o espulsaram de seu território. As informações fazem com que acreditamos que o sistema oracular *Ifá* tem sua origem em terra *Nupe*, estes que sempre estiveram influenciados pelos costumes Árabes, inclusive foram parte de um Império Muçulmano.

Sendo que os grupos *yorùbá* antes e depois da fundação de *Ilè-Ifè*, já possuiam seu culto tradicional aos ancestrais e a *Òrìsà*, e logicamente tinham um método para comunicar-se com as divindades, que não era *Ifá* (recordamos que foi importado a *Ilè-Ifè* desde terra *Nupe* e que a *Òyó*, por exemplo, *Ifá* chegou há quase 300 anos depois).

William Bascom em “Ifá Divination”, 1980, p. 64, citando A. F. C. Ryder “An Early Portuguese Trading Voyage to the Forcados River”, *Journal of the Historical Society of Nigeria,* I, 294-321, diz que “em 1515 o rei de Portugal concedeu a licença para importar cauris da ìndia para São Tomé, e em 1522 eles estavam sendo importados para a Nigéria”. Assim, veremos a seguir que o sistema oracular original era *“Dida Obi”*, pertencente à divindade *Òrìsà-nlá*:

Conclusões desta primeira parte:

a) *Ifá* foi um oráculo importado desde terra *Nupe*, cuja origem das figuras (signos ou marcas) que se usam está na geomancia Árabe "ramal", onde os adivinhos fazem as marcas na areia.

b) O culto de *Òrìsà* não tinha relação com o culto de *Ifá*, de feito, em *Òyó Ifá* foi ignorado, tal como vimos.

c) No culto de *Òrìsà* deveria existir um sistema para comunicar-se com as divindades que lógicamente não era "*Ifá*" e em princípio não foi os *kawrís* (búzios), fazendo-nos crer que o sistema utilizado em princípio seria o oráculo *Dida Obi*.

SEGUNDA PARTE

ODÙDUWÀ SE INICIA NO CULTO DE *ÒRÌSÀ*, POIS O MESMO JÁ EXISTIA QUANDO ELE CHEGOU JUNTO COM *SETILU* (*ÒRÚNMÌLÀ*) A *ILÈ-IFÈ*.

Bolaji Idowu em "*Olódùmarè: God in Yoruba Belief*" (1962), narra que:

> "Quando *Odùduwà* chegou a *Ilè-Ifè*, já existia uma comunidade de aborígenes liderados por *Oreluere*. Quando *Odùduwà* chegou ao lugar com sua gente no princípio, não rendeu respeitos nem reconheceu o poder de *Oreluere*. *Odùduwà* foi orgulhoso e desdenhoso. Então *Oreluere* bolou um plano para dar uma lição ao forasteiro desrespeitoso. *Oreluere* buscou uma forma de envenenar uma das filhas de *Odùduwà*, este tentou conseguir todos os remédios e fórmulas possíveis para curar sua filha do mal, mas não houve solução do caso. *Odùduwà* fez com que fossem pedir ajuda a *Oreluere*, pois era o sacerdote principal do lugar, ocasião que aproveitou *Oreluere* para reprender *Odùduwà* por sua altivez e falta de respeito. *Odùduwà* teve que pagar multas de ovelhas e aves, depois de sua filha foi curado. *Odùduwà* se colocou baixo a proteção da divindade original da terra, que era *Òrìsà-nlá*, a divindade principal de *Oreluere* e seu povo."

Isto mostra o que falavamos na "primeira parte" deste texto, quando diziamos que o culto de *Òrìsà* já estava instalado com sua tradição oral, medicinal e seu próprio oráculo quando *Odùduwà* chegou a *Ilè-Ifè* junto com *Setilu* e o sistema oracular "*Ifá*".

De acordo com a tradição *Edo*, *Odùduwà* quando se iniciou no culto de *Òrìsà* recebeu o nome de *Obalufon*[4] (Rei de um Império Próspero) e obviamente sua divindade de cabeça era *Òrìsà-nlá*.

Conclusões da segunda parte:

a) O culto de *Òrìsà* já existia antes da chegada de *Odùduwà*.

b) Se volta a confirmar que o "oráculo de *Ifá*" chegou depois a terra *yorùbá* e não era parte de *Òrìsà*.

4. Disponível INTERNET, ver in: http://www.collegeart.org/pdf/artbulletin/Art%20Bulletin%20Vol%2067%20No%203%20Blier.pdf

TERCEIRA PARTE

O SISTEMA DIDA OBI PRIMORDIAL

Chamamos de sistema *Dida Obi* "primordial" porque hoje este sistema evoluiu e tem outras interpretações, "caídas" combinadas e mais sofisticadas. Temos o interesse de demonstrar que a interpretação mais antiga efetuada com *obi abata* (de quatro gomos) é a que deu origem a idéia de utilizar 4 *kawris* usando o método "*Aláàfia*" para interpretar as diferentes caídas do *obi*.

Consideramos que no princípio não se tinham a informação de que os gomos seriam masculinos e femeninos, resumindo apenas interpretar como caíam de boca para cima e quantos de boca para baixo. Destas leituras surgem então os primeiros nomes:

1) Òkàn-iran "veio um" - 1 para cima / 3 para baixo

2) Èjì-ré "dois amigos juntos" / Eji-fè "Se extendem dois) - 2 para cima / 2 para baixo

3) Ètà-wá "vem três" - 3 para cima / 1 para baixo

4) Èrìn l'àlàáfíà "Quatro é Paz" - 4 gomos para cima

5) Oyè-kú (4 gomos para baixo) = "Signo de negatividade"

Agora é importante analisar que da união entre "*Okan*" e "*iran*" surge a palavra "*Okanran*", significando que apareceu um só gomo para cima. "*Okanran*" aqui tem um grande significado, assim como logo o tem no oráculo de *mérìndínlógún*, já que "*Okanran*" diz: "Veio um".

Isto mostra que o "*odù*" *Okanran* não pertencia a *Ifá*, e sim que foi usado do oráculo *mérìndínlógun* para associar com uma das figuras geomânticas que usaba o oráculo de *Ifá*, já que em Ifá a frase: "veio um" não tem nenhum sentido, nem em "*Okanran Meji*" (*Okanran* duplo) ocupa a oitava posição na maioria das linhagens de *Ifá*. A conclusão aqui é que "*Okanran*" nasceu sendo uma caída do oráculo de *Obi*, que mais tarde passou a ser uma caída ou signo do oráculo *Owó Mérìndínlógún* (quando chegaram os *kawris* em regiões *yorùbá*).

Outro nome interessante que aparece é "*Oyèkú*" que significa que não há atividade, que tudo caiu ao contrário. Este nome também seria mais tarde tomado para representar uma figura dos signos de *Ifá*. No oráculo de *mérìndínlógún*, "*Oyèkú*" são todos os búzios fechados (boca para baixo) o qual significa o mesmo que no *Obi*, que é um signo ou sinal de inatividade. *Oyèkú* no *mérìndínlógún* também se conhece como "*Opira*", "*Oosa pariwo*" ou "*Yeku-yeku*".

No método *Aláàfia* usando quatro búzios, o mesmo método utilizado na diáspora para a adivinhação utilizando coco fresco, as caídas recebem os seguintes nomes:

1) Okanran

2) Ejife

3) Etawa

4) Alafia

5) Oyeku

No sistema *dida obi* baseando-se nos segmentos masculinos e femininos é mais moderno e evoluído, por tal motivo não apresentamos como parte do estudo que estamos fazendo e sim como mera curiosidade.

Adivinhação com *Obi* de 4 segmentos: 2 masculinos / 2 femininos

Ilera - 1 masculino aberto e o resto fechado

Aje - 1 femenino aberto e o resto fechado

Ejire - 1 masculino aberto / 1 feminino aberto e o resto fechado

Akoran - 2 masculinos abertos e o resto fechado

Ero - 2 femininos abertos e o resto fechado

Akita - 2 masculinos abertos / 1 femenino aberto e o resto fechado

Obita - 2 femeninos abertos / 1 masculino aberto e o resto fechado

Ogbe /Alafia - Todos abertos para cima

Idiwo - Todos fechados com boca para baixo

QUARTA PARTE

O "JOGO DE BÚZIOS" NÃO FOI DO BRASIL PARA ÁFRICA, COMO DIZEM ALGUNS.

O jogo de búzios não foi exportado do Brasil para África, pois pensar desta forma é um disparate tão grande como crer que o Brasil colonizou Portugal, denotanto grande ignorância sobre história e sobre tudo a respeito da cultura *yorùbá* tanto em África como na diáspora.

Antes devemos esclarecer que o território Brasileiro foi descoberto em 1500, Brasil era selva, quando en 1500 já fazia como 400 anos que se havia fundado *Ilè-Ifè*, ademais de que os búzios ingressaram em território *yorùbá* em meados de 1300. De acordo com James Odunbaku em "*Importance of Cowrie Shells in Pre-Colonial Yoruba land South Western Nigeria*: Orile- Keesi as a Case Study" (pág. 238) diz:

No passado, os caurís (búzios) também se utilizaram na adivinhação, para conhecer a mente dos deuses e deusas. No século XVII e XVIII (1600 e 1700), este método de adivinhação foi levado ao novo mundo peos africanos durante o tratado de escravos transatlântico. (a tradução é nossa).

Notamos através da fala do autor que os búzios como sistema adivinhatório foi também levados a Cuba e Haití desde a África (e não desde o Brasil).

QUINTA PARTE

O SISTEMA *OWO MÈRÍNDÍNLOGÚN* (OS CARACÓIS / BÚZIOS) NÃO NASCEU DE IFÁ.

O sistema *Owó Erò Mérìndínlógún* é um sistema adivinhatório para consultar *Òrìsà*, que evoluiu a partir dos próprios búzios até chegar ao número 16. Este método de adivinhação com cauris (búzios) começou apenas com 4 caracóis e nasceu a partir do método *Dídá Obì* primitivo, portanto não se originou do sistema *Ifá*.

O sistema de *Obi* (a noz de cola) usado para adivinhação no culto de *Òrìsà*, nos mostra como é mais antigo método de comunicação em terra *yorùbá*. O sistema de adivinhação de *Òrìsà* não nasceu de *Ifá* porque o culto de *Òrìsà* e seu sistema adivinhatório já existiam antes da chegada do culto de *Ifá* a *Ilè-Ifè*. Na próxima parte explicaremos melhor este assunto e ofereceremos fontes mais plausíveis a respeito.

SEXTA PARTE

OS NOMES DOS *ODÙ IFÁ* NASCERAM DOS NOMES DE *ODÙ ÒRÌSÀ* NO *OWO ERO MÈRÍNDÍNLOGÚN*

Faremos agora um estudo da maioria dos nomes dos *odù-Ifá* para que possamos notar que estes se originaram do sistema *Owó Erò Mérìndínlógún*, onde se conhecem como "*odù Òrìsà*" e que logo foram associados com as figuras geomânticas de *Ifá*.

Já havíamos falado que aproximadamente a partir de fins dos anos de 1300, os búzios começaram a ter grande importância entre os *yorubas*, pois eram usados como moedas, como adorno, sinônimo de riqueza, mas ademais foram a base da numerologia *yorùbá*, conforme Claudia Zaslavsky, *Mathematics of the Yoruba People and of Their Neighbors in Southern Nigeria*.

Os búzios começaram a ter determinados significados abstratos entre as pessoas e *yorùbá*, o que deu origem de serem usados para enviar mensagens simbólicas, conhecidas como "*aroko*" entre os *yorùbá*. Se alguém enviava determinada quantidade de búzios estava dizendo alguna coisa e a mensagem trocava de acordo ao número de búzios e segundo conta James Odunbaku (Departamento de História e Estudos Diplomáticos da Universidade de Olabisi Onabanjo, Ògún State, Nigeria), os significados podiam ser:

1 búzio - "estou sózinho" / "vou sózinho"

2 búzios amarrados frente a frente - "desejo lhe ver" / "tem que vir"

2 búzios amarrados de costas - "não quero te ver"

3 búzios - "vou lhe atacar" / "temos problemas" / "guerra"

4 búzios - "quero tranqüilidade / “quero paz”

8 búzios - "Estou fora de perigo" / "Está vivo" / "nos salvamos"

Então não estranhos que por extensão, os búzios começaram a serem usados para receber as mensagens simbólicas (*aroko*) dos *Òrìsà*. Surgindo então os primeiros nomes das caídas que se relacionam com a numerología, o simbolismo que a gente lhe havia dado e com as divindades (isto já era algo que somente o iniciado saberia).

Talvez possamos nos questionar: Mas não estava *Ifá* desde o siglo XII? Não apareceram primeiro os *odù-Ifá*? Sim, estava *Ifá*, mas não tinha como sistema oracular uma conexão que lhe permitiria ascender às divindades, pois o oráculo de *Òrìsà* onde não havia 16 caídas que pudessem comparar-se com as 16 figuras do sistema geomântico de *Ifá*. Nesta época ainda não se contava histórias de *Òrìsà* nem medicinas, nem tão pouco os nomes das figuras geomânticas (*odù*) se chamavam pelos nomes que hoje conhecemos, porque ainda não apareciam ditos nomes, devia primeiro criar-se o oráculo *Owó Mérìndínlógún*, que antes para chegar a 16, passaria pela fase de ser primeiro um oráculo de 4 búzios (*Owo Eerin*) e logo de 8 (*Owo Eejo*), para que chegasse a ter 16 búzios e então os adivinhos de *Ifá* conseguiram associar sua geomância com o método adivinhatório de *Òrìsà*.

OKANRAN

Já havíamos visto que a palavra "*Okanran*" significa: "veio um" e que aparece pela primeira vez como "*odù*" para designar a aparição de um só pedaço de *Obi* voltado para cima. A dedução de aparecer primeiro no sistema *Obi* é que os búzios chegaram em terras *yorùbá* aproximadamente por volta de 1300 e *Odùduwà* chegou a *Ilè-Ifè* aproximadamente no ano de 1100, quando de acordo com E. Bolaji Idowu em *Olódùmarè, God in Yoruba Belief* (1962), já havia pessoas vivendo ali baixo sob o governo de *Oreluere*, quem era sacerdote do culto a *Òrìsà*.

Pensamos que se existia o culto a *Òrìsà* antes da chegada dos *kawris* (búzios) e de *Ifá* (vindo junto com *Odùduwà*), não resta outra reflexão que supor que o sistema de adivinhação que usavam no culto *Òrìsà* antigamente era o *Dida Obi*. A palavra

"*okanran*" foi logo usada no sistema *Owó Erò Mérìndínlógún* para dizer que somente apareceu um só *kawrí* (búzio /caracol) aberto.

Sendo assim, não deveria haver nenhum problema para entender que "*Okanran*" tem um real e importante significado, tanto no *Dida Obi* como no sistema *Owó Erò Mérìndínlógún*, mas dentro do sistema de *Ifá* a palavra "*okanran*" se torna totalmente sem sentido, pois sua tradução "veio um" não tem nenhuma relação com que se veja apenas "uma só raia", por exemplo, porque para marcar "*Okanran*" em *Ifá* se deve fazer 14 raias.

Em se tratando de *òpèlè* também não teria sentido algum a expressão “veio um”, pois estariam todas unidas e sempre caem juntas, assim como tão puoco se relaciona com o feito de obter "um só" *Ikin*, pois a pesar que durante o processo de obtenção de "*okanran*" (veio um) o adivinho vê durante seis vezes seguidas um só *ikin*, sendo que nas últimas duas vezes que completam o "*odù*" o adivinho vê dois *ikin*.

Concluímos que o sentido de "*okanran*" em *Ifá* é que o adivinho vê um *ikin* todas às vezes, o *odù* correspondente seria "*Oyèkú*" e não "*Okanran*". A palavra "*okanran*" que surge de "*okan*" e "*iran*" tem verdadeiro significado somente nos oráculos de *Dida Obi* e dos sistemas *Owó Erò Mérìndínlógún*, que utilizam a numerologia para contar (*ika*) os búzios ou *obi*, abertos e fechados.

OYÈKÚ

A palavra "*oyèkú*" aparece pela primera vez como "*odù*" para dizer que todos os pedaços de *Obi* caíram fechados e posteriormente foi usado para dizer que todos os búzios caíram ao contrário. *Oyèkú* quer dizer: "signo de inatividade". Então para os dois oráculos, o *Dida Obi* e o *Owó Erò Mérìndínlógún*, *oyèkú* tem grande sentido, pois quando aparece todo fechados, o oráculo "não fala", está inativo.

A forma em que logo se associou "*oyèkú*" com a figura geomântica de *Ifá* foi transparecendo a idéia que uma linha representaria o búzio aberto, e que duas linhas seria o búzio fechado. Isto novamente faz com que no dê a razão, de que se "*oyèkú*" é

um signo de inatividade, não deveria expressar-se nem por *Ifá*, mas não existia nenhuma outra forma para associar os búzios com as marcas geomânticas, já que os "búzios fechados" são a contra parte dos abertos.

Por outro lado esse tipo de associação criou um vazio dentro de *Ifá* no que diz respeito à "*èjìoko*", sendo este *odù* que ficou até nossos dias sendo a representaão mais genuína de *odù Òrìsà*. Cabe sinalar que o *òpèlè* é o método mais moderno que se usa em *Ifá* e quando se associaram as caídas do *Owo Eejo*, todavia não havia chegado.

ÈJÌOKO

Este nome provém da união entre "*Èjì*" (dois) e "oko" (fazenda, campo), literalmente quer dizer "dois no campoa" (*Èjìlóko*) e significa também a aparição de 2 búzios. Como este nomre não foi associado com *odù Ifá*, alguém para tentar fazer com que as pessoas tivessem uma idéia errônea de que **tudo aquilo que existe está em *Ifá***[5], escreveram que o nomre do *odù* "*ogunda*" no céu era "*èjìoko*", onde os *bàbáláwo* muitas vezes contam histórias ou ensinaças do *odù* de *Owó mérìndínlógún* "*èjìoko*" e as usam como se fossem de "*ogunda*".

Sobre esta afirmação de que "*èjìoko*" era o nome de "*ogunda*" no céu, não é certo como veremos adiante e se caso fosse, só confirmaria que o *odù* do *mérìndínlógún* é mais antigo que o de *Ifá*, pois se quando estava no céu era "*èjìoko*" e quando vem ao mundo é "*ogunda*", ficaria clara a antiguidade de "*èjìoko*" (um *odù* do sistema de *Òrìsà*). Por outra parte, se "*èjìoko*" de *Òrìsà* fosse "*ogunda*" em *Ifá*, isto daria a entender então que "*ogunda*" de *Ifá* não é o mesmo "*ogunda*" utilizado no *mérìndínlógún*, pois neste oráculoe, o *mérìndínlógún*, existe tanto *èjìoko* como *ogunda* e são signos diferentes e distintos.

5. O grifo é do tradutor.

ETA-OGUNDA

A palavra "*eta-ogunda*" utilizada no sistema *Owó Erò Mérìndínlógún* serve para dizer que apareceram "três búzios" abertos, surgindo assim a associação entre o número de búzios que aparece abertos (*eta*) e seu significado simbólico, aquele que hvíamos descrito na parte que tratávamos de explicar sobre “aroko” (mensagens simbólicas), então temos: “Eta-ogun-dá” (Três criam guerra).

Mais tarde, muitos adivinhos somente seguiram nomeando esta caída como "*ogunda*". Vimos que este nome está plenamente ligado ao conceito do número como do significado dos búzios, pelo feito de que o simbolismo associa o número com a guerra, a divinidade *Ògún* está ligada com esta caída no *mérìndínlógún*.

Em *Ifá*, sabemos também que esta caída é associada com *Ògún*, mas o nome originário "*eta-ogunda*" não tem relação numerológica com o *odù* de *Ifá* que se chama apenas "*ogunda*", mas também iremos explicar que em *Ifá* também não existe nenhum *odù* que se chame simplesmente "*ogunda*", porque o *odù* de *Ifá* na verdade se chama "*ogunda mèjì*", sendo uma combinação entre *ogunda* com *ogunda*, o qual nos faz entender desde o primeiro momento.

Se tivéssemos somente estudado este nome "*ogunda*" aplicado no sistema *Owo mérìndínlógún*, já era suficiente como prova da antiguidade do sistema *érìndínlógún*, em relação à combinação dupla “*ogunda mèjì*” utilizada em Ifá, pois para obter "dois" ("um" mais "um"), por lógica primeiro tem que existir apenas "um" e esta observação serve para todos os demais nomes dos *odù* em *Ifá*, os quais voltamos a repetir: “foram tomados do sistema do *mérìndínlógún* de *Òrìsà*.

IROSUN

De acordo com dados que nos ofereceram alguns amigos *yorùbá* que praticam culto de *Òrìsà* tradicional, este nome *Irosun* “possivelmente” provém da deformação da palavra "*Erin-sùn*" (quatro dormem) e isto se devem a associação do número quatro

com a "tranquilidade", a "paz", etc. E igualmente, a palavra "*Irosùn*" significa: "*ìro-sùn*" (pensando dormindo). Esta caída no *mérìndínlógún*, pelo nome do número, relacionado com quatro, também se associa com o nome elefante (erin), onde "elefante" se pronuncia diferente, mas é una associação simbólica com o nome do número (1). *Irosùn* está relacionado com os Ancestrais e *Òrìsà-nlá* no *mérìndínlógún* (2).

(1) É comum entre os *yorùbá* no jogo de palavras que se escrevem igual, mas que tem diferentes significados. Isto se usa também como "indiretas" ou “mensagens simbólicas”.

(2) Recordamos que antiguamente no uso d *Owo Erin*, os quatro búzios abertos eram "*aláàfia*" ou "*ogbe*".

OSE

Nasce da idéia de que a semana *yorùbá*, cujo nome é "*ose*" é a cada cinco dias, então aqui se relacionou o número cinco com a semana. Para evitar críticas desnecessárias sobre esta explicação, salientamos que sabemos que na verdade a semana *yorùbá* tem somente quatro dias, mas explica o Araba Fayemi Elebuibon: *"A semana yorùbá vem cada cinco dias e se compões de quatro dias. Há quatro dias em uma semana, mas começa a cada cinco dias. Assim é como se conta em terra Yorùbá"*.

A palavra "*Ose*" é associada ao fato de que a cada cinco (5) dias se limpam e atendem os altares das divindades. No *Owo mérìndínlógún*, *Ose* também representa "dano", que é outro significado que se da à palavra "*ose*" pronunciada de outra forma. Tambim se relaciona com as enfermidades, já que o número "cinco" em yorùbá se diz "*arun*", como já explicamos, mesmo que se pronuncie diferente de "*arun*" que é "enfermidade", serve como um simbolismo oculto na interpretação.

Ose também quer dizer sabão, o qual se usa com água e se associa desde a antiguidade com os rios, como diz no provérbio *yorùbá*:

"*A kí i gbé odo jiyan-an ose ho tabi ko ho*"

(Um não se senta na beira do RIO a discutir se o SABÃO faz espuma ou não).

Outro provérbio diz:

"*Bi oju ba mo, olowo agbowo, oranwu a gbe keke; ajagun a gbe apata; agbe a ji toun toruko, omo ode a ji tapo toran; ajiwese a ba odo omi lo*"

(Quando começa o dia, o comerciante se encarrega de seu comércio, aquele que desfia algodão recolhe seu fio, o guerreiro toma seu escudo, o fazendeiro se levanta com sua enchada, o filho do caçador levanta sua aljava, aquele que desperta para se lavar com SABÃO vai a caminho do RIO).

Esta associação de "*ose*" com rio faz parecer que deve haver sido uma maneira para unir a caída "*ose*" com a divindade *Òsun* no *Owo mérìndínlógún*, e também pelo número 5 é usado para dita divindade.

OBARA

A palavra "*obara*" quer dizer de "Rei do Raio", cuja associação com a divindade *Sàngó* parece haver sido feita únicamente no oráculo *Owo mérìndínlógún*, pois esta expressão ficaria totalmente sem sentido no oráculo *odù Ifá*, pois *odù Ifá obara mèjì* não era associado com *Sàngó* de acordo com as fontes que apresentamos, portanto é uma confirmação de que este nome na realidade nasceu no *Owo mérìndínlógún* e posteriormente se associou as figuras geomânticas de *Ifá* que hoje em dia se conhecem como "*Obara Mèjì*". Numerológicamente o 6 é associado a *Sàngó*.

ODI, EDI, IDI

Odi tem vários significados reais e simbólicos de acordo como se pronuncie seu nome: parede, bloqueio, malícia, maldade, muralha, etc.

Quanto se pronuncia *Edi*, de acordo com uma história publicada por John Wyndham, *Myths of Ife*, (1921) e segundo seu informante que era o *Araba* de *Ilè-Ifè* daquela época, *Edi* é representado como uma divindade que provoca a perversão ou o mal.

O número 7 é associado com *Èsù* e também se associa com este signo no *Owo mérìndínlógún*. A relação entre *Odi* do *mérìndínlógún* com *Ifá* provém da deformação do nome *Idi* que significa “nádegas", cujo nomre possivelmente se deu a figura geomântica de *Ifá*, pois faz recordas as nádegas. Sobre isto pensamos que *Idi* nunca foi um nome no *Owo mérìndínlógún* nem é correto, pois neste oráculo se diz *“Odi”*.

EJONILÈ, OGBE

Este nome vem de: "*Ejo nilè*" que significa "oito na terra", não deixando dúvidas que este nome nasce do *Owo mérìndínlógún* e significa que há caído 8 búzios abertos sobre a terra. Antiguamente se atirava os búzios diretamente sobre a terra, onde ainda hoje alguns sacerdotes ainda o fazem, mas a maioria faz sobre o *atè* (esteira).

A palavra "*ejonilè*" sofreu deformações talvez devido a forma em que se pronuncia ou se escreve de acordo com a fonética. Na cultura afrocubana falam: "*Eyeunle*", mas na cultura afrobrasileira a maioria diz: "*Èjìonilè*".

Devemos salientar que ainda existem alguns *Bàbálórìsà* e *Ìyálórìsà* que ainda pronunciam "*ejonilè*", assim como os *yorùbá*.

Outra palavra usada para designar este *odù* é "*Onilè*" e também "*ogbe*". Com relação a "*Onilè*", esta palavra provém da anterior "*ejonilè*". Acreditamos que quando se pronunciava "*ejo-nilè*" (8 búzios na terra) se deformou em "*èjì-onilè*" (*onilè* duplo) para

associar as caídas de *Ifá*.

Ogbe tem sua origem no número 8 tambiém, conforme vimos anteriormente quando falávamos dos "*aroko*", onde oito búzios representavam que "estava livre de perigro" e "havia sido salvo" ou "estava com vida".

Ogbe pode ser traduzido como "*O-gbe*" (Aquele que salva ou defende). Osamaro Ibie em *Ifism* traduz *Èjì-ogbe* ou *Ogbe mèjì* como "salvação dupla", porque de acordo com uma história que pertenece etse *odù*, haviam sido salvos a mãe e o pai de *Èjìogbe*. Claro que isto só confirma nossa teoria de que a palavra *Ogbe* surgiu primeiro como um nome de *odù* do *Owo mérìndínlógún*, devido aos 8 búzios que eram "salvação". Pensamos que *Èjì-ogbe* não tem muito sentido com a figura geomântica de *Ifá* que "alguém que salva" se parece com um "caminho", sendo que esta era a interpretação original de dita figura na geomancia. Mais tarde esta figura foi associada figura geomântica de *Ifá* devido a que 8 búzios abertos se consida como as 8 raias que compõe *Èjìogbe* em *Ifá*.

Em contraparte recordamos *Oyekú*, que nos *kawris* eram todos fechados, representado por oito raias duplas ou inclusive com círculos. Neste entendimento se tem muito haver com o sistema *Owo Eejo* (8 búzios), anterior ao *Owo mérìndínlógún* (16 búzios), onde todos abertos se chamam "*Ogbe*", associando-se posteriormente a *Ifá* com *Èjìogbe* dado que 8 búzios vieram como as 8 raias simples. Pensamos que os 8 búzios fechados se chamou *Oyekú*, que em *Ifá* passou a ser *Oyekú Mèjì* porque eram 8 búzios fechados que representavam as 8 raias duplas.

Fotos do *Owó Erò Mérìndínlógún* no culto de *Obàtálá* / *Òrìsà-nlá* em *Ilè-Ifè* (Nigéria). As fotos mostram as parafernálias pertencentes a dois sacerdotes diferentes do Culto de *Obàtálá*. Note que sobre a esteira onde se atiram os búzios consagrados, se coloca um pano branco. Chamamos atenção para os búzios do tipo ciprea-tigre (uma espécie de búzios gigante), que acompanham os instrumentos de adivinhação. Estes búzios grandes também são usados como parte dos instrumentos no sistema divinatório do Batuque Gaúcho, em sendo o babalorixá de *Òòsáàlá*, é costume forrar com um pano branco a "peneira" onde se atiravam os búzios, por considerar os mesmos pertencentes à *Òòsáàlá*.

Bàbá Osvaldo Omobatala

Disponível em *Internet:* ÒWÓ ERÒ Mérìndínlógún